



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA UNIDADE ESCOLAR DEUSDESTH DIAS, EM VÁRZEA BRANCA- PI**

Janete Paes de Macêdo; Gilson dos Reis Soares;

*Anne Sullivan University- [janetepaesdemacedo@gmail.com](mailto:janetepaesdemacedo@gmail.com)*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a inclusão do surdo e a necessidade de formação para professores, tendo em vista que esta é uma problemática polêmica bastante discutida no âmbito escolar, devido os professores não possuírem formação adequada e nem as escolas recursos para trabalhar com alunos e alunas surdos. Desta maneira são enfrentadas enormes dificuldades para decifrar gestos e códigos que compõem a língua de sinais, Libras, pois não há interprete de língua. Para melhor conhecer esta realidade foi realizada uma pesquisa com uma professora do 5º ano da Unidade Escolar Deusdeth Vítório Dias, no município de Várzea Branca- PI, e os depoimentos da mesma confirmam tais dificuldades. A partir desse contexto percebe-se que a formação de professores é essencial no processo da educação inclusiva e na qualidade do ensino para alunos com necessidades especiais.

Palavras chaves: Educação inclusiva, surdo, formação de professores

### **Introdução**

A educação inclusiva é um desafio a ser enfrentado pela comunidade escolar, levando em consideração as particularidades de cada aluno com necessidades especiais, no entanto é necessário que as escolas aprimorem suas práticas pedagógicas, a fim de promover melhoria na qualidade do ensino, e para que o aluno possa exercer sua cidadania de forma plena.

A educação de surdos é uma proposta desafiadora, porém necessária e urgente, uma vez que faz uso da língua de sinais, como sendo a língua materna, enquanto que a língua portuguesa é a segunda língua dos surdos.

Entretanto as pessoas com necessidades especiais não podem ser marginalizadas pelo sistema educacional, com isso tanto as escolas, quanto os professores devem buscar a formação dos educadores para promover a integração do aluno surdo com o aluno ouvinte, e com o conteúdo, mas isso requer programas e elaboração de propostas que venham de fato atender as necessidades dos indivíduos surdos, favorecendo o pleno desenvolvimento de suas habilidades e competências. Desse modo o sujeito sendo surdo merece especial atenção, mas sem exagero, pois a atenção demasiada pode ser vista como discriminação.

Este trabalho é relevante, pois procura analisar e buscar medidas e práticas que atenda as reais necessidades de pessoas surdas no campo da educação, tendo em vista que é um direito constitucional e também assegurado pela LDB, no entanto essa é uma luta de vários anos, ou seja, uma conquista, sabendo que a educação deve ser oferecida a todos sem nenhuma forma de



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

discriminação, por isso o termo educação especial foi substituído por educação inclusiva, que se baseia nos sentimentos de solidariedade, respeito e convivência social.

No decorrer dessa pesquisa buscou-se analisar a falta de recursos e de professores capacitados para atuarem com alunos surdos na Unidade Escolar Deusdeth Vítório Dias no município de Várzea Branca- PI. Dentro dos específicos logo se espera conhecer a importância da educação inclusiva, identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos em sala de aula e entender a importância de se respeitar as limitações dos alunos surdos.

Os dados obtidos com a realização deste trabalho foram adquiridos através da pesquisa direta e indireta. O presente trabalho teve como base as revisões bibliográficas, e entrevista.

Nesse contexto foi realizado um roteiro de entrevista, com a professora do 5º ano, que trabalha com dois alunos surdos, para entender como acontece a relação professor e aluno surdo na Unidade Escolar Deusdeth Vítório Dias. As questões foram estruturadas e abertas a fim de obter maiores informações a respeito do tema ora apresentado.

### **Surdo: normal ou anormal?**

A surdez não impossibilita o ser humano de ampliar suas habilidades, mas é preciso oferecer condições favoráveis para que a pessoa surda possa desenvolver suas competências.

O sujeito surdo é visto como normal, pois a surdez não é considerada uma patologia, mas infelizmente a sociedade a inferioriza, e o termo surdez é pejorativo, e muitos ainda são discriminados por apresentar dificuldades de comunicação, com isso a comunidade de ouvintes não busca uma aproximação com o não ouvinte, muitas vezes mantendo-o isolado e sem informações até mesmo do espaço em que vive (CANGUILHEM, 1995 apud SANTANA, 2007).

A oralidade, ou seja, a fala é tão fácil para os ouvintes, no entanto complicada para surdos. A fala é muito natural para os ouvintes, e muito artificial para os surdos, e em consequência disso a fala para os surdos é tida como estranha, não natural e, sobretudo anormal. “Na literatura, toda e qualquer menção á fala na surdez é descrita como deficiente” (SANTANA, 2007. p. 121). A oralidade do surdo é criticada e analisada sob a concepção do ouvinte como algo extremamente contraditório á oralidade da comunidade ouvinte. Para Santana (2007)

A busca pela fala é uma cobrança social e independe da família. Mas o fato comprometedor é que se exige sempre uma fala “perfeita” e também “natural”, como se bastasse ouvir para falar, como se a aquisição da linguagem não fosse um processo nem dependesse de interações e usos efetivos da linguagem (SANTANA, 2007. p. 125).

É na interação surdos, ouvintes, na troca de experiências, na observação gestual e na leitura labial que o surdo adquire sua oralidade. Vale ressaltar que o surdo é um ser bilíngue, e que deve



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

ser respeitada as diferenças entre a língua de sinais e a língua portuguesa, propiciando ao aluno a construção de seus conhecimentos e saberes. A língua materna ou natural da comunidade surda é Libras, Língua Brasileira de Sinais, sendo a língua portuguesa a segunda língua que deve ser adquirida por meio das experiências e recursos audiovisuais.

Conforme disposto no Decreto Federal nº 5626/ 2005, considera-se pessoa surda aquela que por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais-Libras (FÁVERO; MANTOAN; et al, 2007. p. 50).

A língua de sinais possui sua estrutura própria, porém não é mímica, como muitos ouvintes imaginam, demonstrando dessa maneira um certo preconceito, deixando a entender que o máximo que o surdo consegue expressar são mímicas indecifráveis para os ouvintes e somente compreensível entre eles. No entanto, “a língua de sinais tem todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural” (GESSER, 2009. p. 21).

### **A inclusão escolar de alunos com deficiência auditiva na Unidade Escolar Deusdeth Vitório Dias, em Várzea Branca- PI.**

É preciso fazer algumas reflexões sobre a formação de professores da educação especial, especificamente o aluno surdo que exige cuidado individualizado.

Diante desta questão as políticas públicas devem ofertar formação inicial e continuada para os professores, visando oferecer uma educação de qualidade e programas que concretize a inclusão do aluno no processo ensino- aprendizagem, para que o aluno seja capaz de construir juntamente com a comunidade escolar sua identidade, sua história e que se sinta sujeito participativo, atuante na perspectiva da educação inclusiva. “A qualidade dos serviços educacionais para pessoas com deficiência depende da qualidade da formação. Esta deverá ser parte integrante dos planos nacionais, onde se contemplam os requisitos dessa formação” (UNESCO, 1998 apud SANTANA, 2007, p.71).

Quanto a essa questão, perguntou-se a professora do 5º ano da referida escola, que trabalha com alunos surdos na sala de aula: quais as principais dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar para incluir alunos surdos no processo ensino-aprendizagem?

A maior de todas, é a falta de formação para atender essa clientela. O que ocasiona uma série de dificuldades. Ao não manter uma comunicação clara com o aluno, o professor deixa de transmitir o conhecimento, e o aprendizado do aluno não se consolida (L. D. C. M, professora. Entrevista, 15. 05. 2015).

Nessa abordagem se faz necessário investir na qualificação do professor, pois quanto maior os investimentos melhores são os resultados, tanto para o aluno como para o professor, todavia a



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

formação do professor provoca mudanças nos paradigmas, nas atitudes e ações pedagógicas favorecendo assim a educação inclusiva, pois incluir não é apenas matricular o aluno, mas oferecer condições favoráveis para o mesmo se interagir com os demais. As políticas públicas locais não têm de fato atendido alunos com necessidades especiais, oferecendo um ensino de qualidade. Diante disso a professora afirmou

Infelizmente as políticas públicas não atendem as necessidades dos alunos surdos. Existem propostas com todo um projeto voltado para esse atendimento. Mas a realidade é outra. Ainda não estamos preparados para atendê-los (L. D. C. M, professora. Entrevista, 15. 05. 2015).

As escolas devem se adequar as necessidades dos alunos surdos, inovando suas metodologias, buscando novas estratégias para atingir as metas, e a parte essencial deste processo é a formação do professor. No âmbito da educação inclusiva, além da formação do professor que servirá de ponte entre o aluno e a aprendizagem, deve-se também zelar pelo respeito e aceitação das individualidades de cada aluno, valorizando os conhecimentos e experiências prévias dos mesmos, “pois o atendimento das diferentes necessidades educativas dos alunos é certamente o desafio mais importante que o professor tem de enfrentar em nossos dias” (MUNTANER, 1995 apud SANTANA, 2007. p. 27).

Os alunos surdos, assim como os demais, possuem suas competências, cabe ao ensino como um todo, família, escola, professor, despertar neles a curiosidade de coloca-las em prática. Quanto as habilidades, a professora diz que

São relativas. Cada caso tem suas particularidades, porém se percebe que uma das maiores habilidades é a prática de desenhar e criar objetos por meio do manuseio com os dedos. Assim, uma das práticas que deveriam ser adotadas para intermediar o ensino em sala de aula com os alunos surdos, seria trabalhar aqueles conteúdos priorizando e valorizando as habilidades e competências do aluno portador da deficiência (L. D. C. M, professora. Entrevista, 15. 05. 2015).

A utilização das tecnologias como metodologia para o ensino e maior aprendizagem dos alunos surdos é de extrema importância. Com a relação á surdez, as tecnologias mais utilizadas são: a internet, os softwares sociais, youtube, facebook, entre outras.

O uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC), principalmente aquelas associadas a internet possibilitam o acesso a informações e contribuem para a comunicação das pessoas surdas, fazendo surgir novas formas de entrar em contato com a cultura e o registro das narrativas surdas (BRASIL, 2014. p. 164).

O uso das tecnologias deve ser parte integrante do currículo da escola, objetivando promover um melhor entendimento dos alunos sobre os conteúdos propostos, mas o professor deve selecionar a tecnologia que melhor se adapte a necessidade do aluno.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Todavia se percebe que a internet é a mais utilizada, e que muito contribui para o aprendizado do aluno, com isso o sujeito surdo passou a dá um novo sentido á sua vida e a comunidade surda. Dentro deste contexto os recursos visuais são imprescindíveis no processo ensino-aprendizagem de alunos surdos, além de facilitar a comunicação com a comunidade ouvinte.

Fora do ambiente virtual, os registros realizados quase sempre através da escuta são fortemente ligados á oralidade e, fazem com que os surdos se sintam excluídos das produções culturais. A partir da apropriação das TIC é possível perceber as produções de surdos, disponíveis na internet, em vídeos e formas visuais de registro, que favorecem a publicação e divulgação das produções culturais em língua de sinais (SCHALLENBERGER, 2010 apud BRASIL, 2014. p. 65).

Desse modo, nota-se que o computador é de fundamental importância para a aprendizagem de pessoas surdas e para a produção cultural destas. Na opinião da professora, o que facilitaria a aprendizagem dos alunos surdos seria a formação do professor.

O primeiro e mais importante passo a ser dado é a formação. O educador deve está preparado para atender as necessidades do aluno portador da deficiência auditiva. Caso contrário a aprendizagem não acontece (L. D. C. M, professora. Entrevista, 15. 05. 2015).

Diante desta perspectiva, o professor deve buscar incansavelmente a qualificação profissional para este fim, aprimorar suas práticas pedagógicas, desenvolver suas atividades com dedicação, compromisso para atender as perspectivas do público alvo.

Pensar na educação para todos implica dizer que é uma missão árdua e que exige compromisso de todas as esferas do poder público e privado. No entanto nem sempre isso acontece por diversas razões: falta de formação para professores, falta de sala de recursos, falta de políticas públicas eficientes, entre outras.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No contexto da educação inclusiva, existe um leque de leis que oferta a escolaridade para todos sem distinção, preconceito ou discriminação, pois a educação inclusiva é regulada por várias normas, mas podemos dizer que ela encontra seu fundamento na Constituição Federal de 1988, que determina a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola para todos, no entanto na prática a realidade é outra.

A pesquisa referente à inclusão de surdos no processo ensino-aprendizagem, procurou analisar as dificuldades tanto dos alunos quanto dos professores no cotidiano escolar, de uma escola da rede regular de ensino do município de Várzea Branca- Pi, onde na realidade esta escola não tem estrutura adequada para receber alunos com necessidades especiais, e mesmo assim a professora que foi entrevistada se esforça o bastante e procura diversas formas para promover a interação



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

destes alunos com a turma e com o conteúdo proposto, objetivando alcançar alguma forma de aprendizagem.

Conforme determina a LDB de 1996, que institui Diretrizes Nacionais para a educação especial, na educação básica, o trabalho tem que ser realizado com um currículo diferenciado e flexibilizado aos alunos que fazem parte do público alvo da educação especial.

Portanto, a escola deve ser flexível e procurar meios para se adequar as necessidades dos alunos, tanto o currículo quanto o planejamento da escola deve ofertar atendimento especial a estes alunos, ou seja, a escola precisa propor meios para que todos se sintam integrantes do processo educacional, sem sofrer qualquer tipo de discriminação.

## **REFERÊNCIAS**

BAUMEL, Roseli Cecília Rocha; CASTRO, Adriano Monteiro de; RIBEIRO, Maria Luísa Sprovieri. **Educação especial: do querer ao fazer**. São Paulo: Avercamp, 2003.

BRASIL, Secretária de Educação Básica. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: educação inclusiva**. Brasília: Mec, SEB, 2004.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga; MANTOAN, Maria Tereza Eglér; PANTOJA, Luísa de Marillac P. **Formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado**. – São Paulo: MEC/ SEESP, 2007.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? : Que língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. - São Paulo: Parábola editorial, 2009.

**L. D. C. M.** Professora do 5º ano. Entrevista [Mai. 2015]. Entrevistador: J.P. de Macêdo. Unidade Escolar Deusdeth Vítório Dias: Várzea Branca, 2015. 1 arquivo mp3 (40min.)

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neolinguísticas**. – São Paulo: Plexus, 2007.